

Ação pública pede aviso de perigo em dietéticos

Procurador se baseia em estudos que apontam riscos no uso do aspartame durante a gravidez

LINA DE ALBUQUERQUE

O procurador federal Luiz Alberto David Araújo, coordenador da defesa dos direitos da pessoa em São Paulo, entrou ontem com uma ação pública para obrigar os produtos dietéticos que contêm aspartame a usar a recomendação "desaconselhável para grávidas" em suas embalagens. O pesquisador norte-americano Harvey Levy, do Laboratório de Massachusetts, nos Estados Unidos, vem desenvolvendo estudos desde 1983 com a finalidade de demonstrar que gestantes com elevado nível de fenilalanina no sangue — aminoácido presente na carne, nos derivados do leite e também no aspartame — podem gerar filhos com retardamento mental, microcefalia (cérebro pequeno) ou baixo peso.

Na opinião do médico Benjamin Schimidt, coordenador científico da Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE), o Ministério Público agiu corretamente ao propor a ação. "Trata-se de uma medida preventiva", disse. Segundo ele, a maioria das grávidas no Brasil não costuma fazer os exames de rotina, como o teste para identificar o nível de fenilalanina no sangue. As gestantes de classe média, por sua vez, têm o hábito de ingerir substâncias dietéticas durante a gravidez com o objetivo de não ganhar muito peso.



Edson Lima/AE

Diet Coke: advertência na embalagem poderá passar a incluir as gestantes

Os produtos com aspartame já contou com a advertência "Fenilcetonúricos: contém fenilalanina" em suas embalagens. A fenilcetonúria é uma doença genética que pode resultar em deficiência mental se não for tratada nos primeiros meses de vida. Ela é identificada pelo famoso "teste do pezinho", obrigatório por lei em seis Estados brasileiros — São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais — desde 1983. O teste consiste em extrair uma gota de sangue do calcanhar do re-

cém-nascido e submetê-la a uma análise que identificará tanto a fenilcetonúria como o hipotireoidismo.

Segundo a biomédica Tânia de Carvalho, coordenadora do laboratório da Apae em São Paulo, os fenilcetonúricos não podem ingerir alimentos que contêm grande quantidade de fenilalanina. Este é o motivo da advertência já encontrada nos produtos com aspartame. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, uma em cada 15 mil crianças apresenta a fenilce-

tonúria. São pessoas que precisam seguir uma dieta rigorosa até atingir a vida adulta.

O aspartame é um adoçante natural descoberto por acaso em 1965 por um pesquisador do Laboratório Searle, nos Estados Unidos. O pesquisador misturou dois aminoácidos — ácido aspártico e fenilalanina — e ficou com os dedos sujos. Mais tarde, ao molhá-los com a língua para folhear papéis, descobriu um gosto semelhante ao do açúcar, porém 200 vezes mais doce.